

Agora, todo poder a Sarney

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A decisão é política: A partir de segunda-feira o presidente José Sarney, governará com plenos poderes, devido ao estado de saúde de Tancredo Neves e à falta de previsão segura da data de sua recuperação. O PMDB e o PFL darão apoio integral a Sarney — garantem os presidentes dos dois partidos, Ulysses Guimarães e Jorge Bornhausen.

Os principais coordenadores políticos do governo — ministro Fernando Lyra, senador Fernando Henrique Cardoso e Humberto Lucena e deputado Pimenta da Veiga — estão se entrosando com dirigentes e líderes da Frente Liberal — Jorge Bornhausen, Carlos Chiarelli e José Lourenço — para assegurar a unidade da Aliança Democrática.

Além dos líderes parlamentares, atuam no mesmo sentido, pela consolidação da Aliança e para garantir o desenvolvimento da estrutura administrativa, os ministros Francisco Dornelles, José Hugo Castelo Branco, Marco Maciel, Aureliano Chaves, Almir Pazzianotto, Roberto Gusmão, entre outros.

O presidente do PMDB e da Câmara, Ulysses Guimarães, destaca-se como a principal figura do Congresso, atuando com desenvoltura no exame e solução de questões políticas e administrativas.

A coordenação política tem apresentado alguns incidentes de percurso, envolvendo, principalmente, o ministro da Justiça e o presidente do PMDB. O líder do governo na Câmara, Pimenta da Veiga, está agindo com prudência, mas com firmeza, junto a líderes políticos muito mais experientes. Vem se saindo bem. Do outro lado, no Senado, o rela-

cionamento entre Fernando Henrique Cardoso e Humberto Lucena é mais difícil. A escolha de Fernando Henrique para líder do Governo no Congresso feriu sensibilidades e arranhou a postura de Lucena, líder da bancada do PMDB.

Fernando Henrique Cardoso não passa recibo e luta para conquistar espaço, valendo-se, principalmente, de boas informações que obtém e que sabe transmitir — bem dosadas — à imprensa e aos parlamentares.

O ministro da Justiça vestiu a roupa de coordenador político por excelência, sem se constranger diante da autoridade dupla de Ulysses — de presidente nacional do PMDB e de presidente da Câmara dos Deputados. Lyra e Ulysses já tiveram atritos, mas a situação está sendo bem contornada.

O ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, para os que não o conheciam muito bem, está-se revelando um hábil político. Não usa a prepotência, preferindo dialogar e dividir responsabilidades. O governo é essencialmente político-partidário e, por isso mesmo, Dornelles resolveu atuar com franqueza, sem subterfúgios, mostrando aos líderes e dirigentes da Aliança Democrática a real posição dos cofres públicos. A enfermidade de Tancredo Neves impediu que Francisco Dornelles comparecesse à tribuna da Câmara no final de março, por sugestão do líder Pimenta da Veiga, para abrir o debate em torno da situação econômica. As decisões não serão do Ministério, ou do governo, mas da Aliança Democrática e, em última instância, do Congresso Nacional.

O ministro-chefe da Casa Civil, José Hugo Castelo Branco,

não se está envolvendo em questões políticas. Foi indicado para colaborar com Tancredo. Devido às circunstâncias, ele e Sarney estão trabalhando juntos, mas a adaptação enfrenta dificuldades — “superáveis” — segundo um influente ministro.

Apesar da tensão e da expectativa com a saúde de Tancredo, a Nova República decidiu dizer a que veio. O ministro da Fazenda está confiante num bom resultado na luta contra a inflação. Dirigentes do PMDB confundiram que as previsões vão surpreender — em abril, a inflação ficaria abaixo ou no máximo em 10%. O efeito psicológico dessa queda será muito importante para os planos do governo, reativando os trabalhos do Plano de Emergência — que ficaram esquecidos desde 14 de março.

Os ministros da Justiça e do Trabalho, com respaldo político-partidário, estão atuando em conjunto, para evitar comoções sociais e agravamento das reivindicações salariais.

Pazzianotto é muito considerado na Aliança Democrática e no governo, pelos seus conhecimentos do setor e pelas suas qualidades de negociador. Tem mantido contatos frequentes com Lyra e com o ministro Roberto Gusmão, da Indústria e do Comércio — outra autoridade com sensibilidade política e poder de decisão.

O quadro para a Nova República agir seria outro. Surgiu o imponderável na noite de 14 de março e os planos tiveram de ser revistos. O executor está hospitalizado e o seu substituto relutou, o que seria natural, antes de tomar o seu lugar.

Tudo isso provocou curtos circuitos, marchas e contramar-

chas na máquina administrativa, em consequência das indecisões do comando político-partidário. Ninguém sabe por inteiro o que Tancredo iria fazer para completar as nomeações dos escalões inferiores. Cada um do esquema conhece uma parte e nem sempre há coincidência. Daí as divergências — mais no varejo — entre o PMDB e o PFL.

Político é político e, apesar de tudo, cada um quer garantir uma fatia do poder, para marcar sua influência política. Os mais apressados são os que mais reclamam e protestam. Acabam ganhando ou se conformando com parcelas do bolo.

O grande receio da Nova República — confessam os principais líderes do PMDB, do PFL e ministros com atuação política — é o de frustrar a opinião pública. “Se a Nova República cair no descrédito da sociedade, tudo estará perdido” — desabafou um deles, lembrando que toda a luta de mais de 20 anos teria sido inútil.

Ulysses Guimarães e Jorge Bornhausen estão cientes desse risco. Os dois presidentes acreditam que a única solução é a de prestigiar o presidente José Sarney — cuja conduta tem merecido elogios de todos os setores do governo e do Congresso. Os dirigentes da Aliança Democrática não podem tutular Sarney e Sarney não aceitaria ser tutelado. O PMDB e o PFL passaram a assessorar o presidente. As decisões estão sendo e continuarão a ser de José Sarney.

Garantem os líderes políticos que o saldo será positivo. Haverá mais acertos do que erros, mais compreensão do que divergência.

Flamarion Mossri